



# O sujeito barrado do inconsciente: O sujeito do pensamento e do desejo

*The barred subject of the unconscious: The subject of thought and desire*

Geselda Baratto

Psicanalista, professora e supervisora clínica do Departamento de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau (FURB), coordenadora do curso de Pós-Graduação nível de especialização em Psicanálise Clínica e Políticas Públicas de Saúde Mental, Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Blumenau, SC - Brasil, e-mail: gisabaratto@yahoo.com.br

Recebido: 28/02/2011  
Received: 02/28/2011

Aprovado: 14/04/2011  
Approved: 04/14/2011

## Resumo

Neste artigo, abordamos o conceito de sujeito do inconsciente na Psicanálise. No seu interior procuramos demonstrar que o inconsciente deve ser definido como pura lógica relacional, isto é, como produto da articulação dos significantes em cadeia. Efeito do significante e da falta que ele engendra, o sujeito do inconsciente constituindo-se a um só tempo como sujeito do pensamento e do desejo inconsciente. O sujeito do inconsciente é o sujeito barrado da linguagem, constituindo-se como *falta-a-ser*, considerada por Lacan como o cerne da experiência analítica. O artigo opera ainda um cotejamento entre as teses de Freud e Lacan a respeito do inconsciente, bem como da estrutura do fantasma, definido como construção metafórica sobre o ser e cuja função é de acobertar a falta de sujeito na estrutura da linguagem. Na conclusão do artigo, tecemos elaborações acerca da travessia do fantasma efetuada pelo sujeito ao término de sua análise, concluindo que o confronto com a versão imaginária construída com relação ao seu ser e a elaboração da castração simbólica que daí decorre, abre ao sujeito a possibilidade de reinventar-se.

**Palavras-chave:** Sujeito. Inconsciente. Falta-a-ser.

## Abstract

*In this paper we focus the complex concept of the subject of the unconscious in Psychoanalysis. In its inner development, we try to show that the unconscious must be defined as pure relational logics, that is, as a result of the articulation of chain signifiers. As an effect of the signifier and the lack that it engenders, the subject of the unconscious is at one time a subject of thought and of unconscious desire. The subject of the unconscious is the barred subject of language, thus constituting itself a lack-to-be, considered by Lacan to be the heart of analytical experience. The paper also proposes a link between Freud's and Lacan's theses about the unconscious, as well as the structure of the ghost, defined as metaphoric construction about the being, and which function is to disguise the lack of the subject in the language structure. In the conclusion, considerations are made about the crossing of the ghost, which is performed by the subject in the end of its analysis, implying that the confrontation with the imaginary version construed in relation with his being and the elaboration of the symbolic castration resulting from it provides the subject with the possibility of reinventing himself.*

**Keywords:** Subject. Unconscious. Lack-to-be.

## O sujeito barrado do inconsciente

### O sujeito do pensamento e do desejo

Neste artigo, teceremos alguns desenvolvimentos relativos à teoria do sujeito do inconsciente, privilegiando as suas relações com a estrutura simbólica da linguagem.

O conceito de sujeito do inconsciente como produto e efeito da linguagem é fundamental na psicanálise. Definido como uma pura estrutura de sintaxe produtora de pensamentos, remete à noção de um sujeito que não é amo e senhor de seus próprios pensamentos e que se caracteriza por uma falta central, em cujo centro se aninha o desejo. A categoria conceitual de sujeito castrado, isto é, marcado por uma *falta-a-ser*, deve ser situada na base da concepção psicanalítica de sujeito. A originalidade da concepção de sujeito na psicanálise se ordena precisamente em torno da descoberta do inconsciente efetuada por Freud, em cuja esteira se situa a diferença entre um discurso de sujeito dividido de um discurso de unidade e autonomia do sujeito.

Com a descoberta do inconsciente, Freud opera uma revolução, denominada por Lacan (1985, p. 14) de Copernicana. Ao afirmar que o inconsciente é sede de pensamentos regidos por uma lógica própria que os organiza, Freud desaloja o privilégio historicamente concedido à consciência, introduzindo um novo modo de se conceber o sujeito, e que teve por efeito imediato alterar a concepção clássica originada em Descartes.

Sabemos que, por intermédio do método da dúvida hiperbólica, Descartes (1987-1988, p. 26) chegou à conclusão da certeza da existência do ser no ato de pensar. Para ele, “Eu sou, eu existo: Eu sou uma coisa verdadeiramente existente. Mas que coisa? Uma coisa que Pensa”. Ao formular que a atividade do pensamento reflete em ato o ser, Descartes inaugura a concepção moderna de sujeito. A formulação do ser como substância pensante não tardou em conduzir à homologação do ser ao pensamento e de ambos à consciência, dando lugar, contemporaneamente, à ideia do eu como uma entidade que, por essência e definição, se constitui como agente e sede de todo pensamento. O entendimento do

sujeito como substância pensante é um produto da modernidade, originado cogito cartesiano “penso, logo sou”.

Diversamente de Descartes, Freud introduz a concepção de uma estrutura de estatuto inconsciente perfeitamente apta a produzir pensamentos sem a presença de nenhum ser como substância pensante. A obra *Psicopatologia da vida cotidiana* (1980a) abunda em exemplos que demonstram de forma cabal como somos determinados a executar atos movidos por pensamentos ativos, porém inconscientes. “Inicialmente, a substância pensante, pode-se mesmo dizer que nós a modificamos sensivelmente. Após *este eu penso* que, supõe-se a si mesmo, funda a existência, nós tivemos um passo a fazer, que é aquele do inconsciente”.<sup>1</sup> A noção de sujeito dividido aponta justamente à impossibilidade do sujeito apreender e definir a si próprio no ato de pensar. Em suma, se Descartes está seguro da convergência entre o ser e o pensamento, Freud está seguro de sua não convergência.

O valor conferido por Freud (1990/1980b) à palavra se sustenta num princípio elementar: a descoberta de que o inconsciente se constitui na verdadeira instância onde os pensamentos se produzem, e que eles encontram um meio de expressão simbólica no ato ou na palavra. O método da livre associação, inaugurado na obra sobre os sonhos de 1900b, foi o recurso forjado por Freud para ter acesso ao inconsciente. Em análise, o sujeito é convocado a falar livremente, abandonando o plano da reflexão consciente. A livre associação pode ser definida como o exercício relativo à linguagem e à fala. Quando um sujeito faz uso da palavra, ele diz mais do que intencionalmente planejara dizer; a cadeia linear dos enunciados é cortada pela cadeia da enunciação e faz surgir uma palavra verdadeira que perturba a linearidade do discurso intencional. A distinção rigorosa de duas cadeias que entrecruzam em todo ato de fala corresponde à distinção entre a instância do eu como sede de saber imaginário e a instância tópica do sujeito do inconsciente.

Freud postula a presença de processos de pensamentos que se produzem fora do controle da consciência e que obedecem às leis lógicas diversas daquelas que regem os processos conscientes. A noção de

<sup>1</sup> “D’abord, la substance pensante, on peut quand même dire que nous l’avons sensiblement modifiée. Depuis *ce je pense* qui, à se supposer lui-même, fonde l’existence, nous avons eu un pas à faire, qui est celui de l’inconscient (Lacan, 1975, p. 31).

representações articuladas umas às outras regidas pelas leis do deslocamento e da condensação define o inconsciente como um sistema relacional, como um lugar psíquico referido a uma dinâmica articulatória entre representações produtoras de pensamentos. No dizer de Lacan (1998a, p. 521), Freud designa pelo termo "pensamento" os elementos que estão em jogo no inconsciente, isto é, o jogo dos significantes regidos pelos mecanismos da metáfora e da metonímia.

No texto metapsicológico *O inconsciente* (1915/1980c), Freud demonstra como a equivalência convencional entre psíquico e consciente é completamente inadequada e calcada numa superestima outorgada à consciência. Ele argumenta sobre a legitimidade de avançar a tese da existência de processos inconscientes, demonstrando como somos assaltados por pensamentos que nos invadem e perturbam, sem que estejamos em condições de reconhecê-los como próprios ou de neles nos reconhecer: "Nossa experiência cotidiana mais pessoal nos tem familiarizado com ideias que assomam à nossa mente vindas não sabemos de onde" (Freud, 1915/1980c, p. 192). Elas são vivenciadas pelo eu com estranhamento, como se Outro pensasse e desejasse em seu lugar. Por essa razão, todos os processos de pensamentos que não se consegue ligar ao resto de nossa vida psíquica são julgados como se pertencessem a outrem (Freud, 1915/1980c). O cerne da descoberta freudiana demonstra de forma cabal que os processos de pensamentos inconscientes se produzem sem a intervenção do eu, permitindo concluir que não há um sujeito agente responsável pelos processos de associação que se produzem no inconsciente, e de que, portanto, "[...] o pensamento é possível sem que nenhum eu penso intervenha" (Safouan, 1970, p. 16).

A certeza cartesiana de que o sujeito é idêntico àquele que pensa não passa de uma ilusão, sustentada pelo imaginário da totalidade egoica. Ainda que se possa afirmar que o sujeito da psicanálise é o sujeito do cogito cartesiano – o sujeito do pensamento –, há uma dessimetria entre as formulações de Descartes e as de Freud. Como sublinhado anteriormente, para Descartes, porque pensa, o sujeito se reflete espontaneamente na consciência. A sua máxima é a de que por apreender-se como sendo aquele que pensa, o sujeito pode estar seguro de sua existência. O sujeito cartesiano é um sujeito ancorado na certeza de ser.

É essa equivalência entre o ser e o pensamento que as formulações freudianas sobre o inconsciente colocam em questão. É justamente por haver pensamentos inconscientes que o sujeito jamais poderá estar seguro sobre o seu ser. Freud coloca em cena a concepção de um sujeito não centrado em torno da consciência. O que ele descobre é a ausência de um eixo em torno do qual os processos psíquicos se ordenam. O sujeito se encontra numa relação de excentricidade para com o fenômeno da consciência. Na formulação da primeira tópica, Freud concebe o aparelho psíquico como composto por três sistemas – o consciente, o pré-consciente e o inconsciente –, assinalando assim a divisão e o *descentramento* do sujeito.

É à luz da teoria do significante que Lacan procurará formalizar sobre o estatuto do inconsciente, introduzindo o conceito de sujeito do inconsciente, reconhecido por ele mesmo como novo (Lacan, 1988b, p. 46). Com a denominação sujeito do inconsciente, formulação ausente na obra de Freud, ele procurou demonstrar a estrutura formal do inconsciente na teoria freudiana. Para ele, o sujeito do inconsciente é o sujeito submetido ao significante nos seus encadeamentos sucessivos. A articulação dos significantes em cadeia determina pensamentos inconscientes que se produzem e operam à revelia do eu. Isso significa que não é possível atribuir a esses pensamentos um ser determinado, pois, quando um pensamento se articula no inconsciente, o ser desse pensamento necessariamente se indica como ausente.

Lacan radicaliza a noção de divisão do sujeito. Para ele, o sujeito é duplamente dividido pela sua relação à linguagem. Por um lado, "[...] pelo fato de que o sujeito depende do significante e que o significante está primeiro no campo do Outro" (Lacan, 1988b, p. 194-195). O sujeito não está centrado em si mesmo, mas descentrado pela sua relação de dependência de um campo discursivo simbólico que lhe é exterior, e a partir do qual ele se constitui e estrutura. Quando ele se identifica com um significante que passa a representá-lo – denominado na teoria de Lacan de S1 – ele o faz em relação a uma constelação de significantes que, de fato, pertencem ao campo do Outro, no qual originariamente o S1 se encontrava. Isso quer dizer que o sujeito passa a ser representado por um significante (S1), mas em relação a outro significante (S2). Por outro lado, na relação do sujeito ao Outro algo se perde. Essa perda se marca como uma falta. Para poder pensar,

para que um pensamento inconsciente se produza, é necessário fazer a travessia de um lugar vazio produzido pela queda/separação do objeto *a*. Essa separação circunscreve o lugar do objeto perdido como um buraco.

Observa-se, deste modo, a estreita relação do sujeito com a ordem simbólica da linguagem e sua fundamentação real, determinando a dupla da divisão do sujeito. Efeito da articulação significativa, isto é, da instância simbólica da linguagem que o nomeia, ele é também o produto de um resto que não pode ser apreendido nem pelo significante e nem pela imagem. O sujeito do inconsciente é um sujeito privado do ser. O seu ser deve ser situado no Real, definido como o que subsiste fora dos limites que a trama do simbólico e do imaginário pode produzir. “Desembocamos assim na concepção de um real que, pelo fato mesmo da simbolização, está excluído dela, que não transcende o simbólico enquanto coisa em si, senão que, no interior mesmo do simbólico, se indica como excluído dele”.<sup>2</sup>

A tese lacaniana de que “o significante representa o sujeito para outro significante” (Lacan, 1988b, p. 150) assinala, por um lado, que, graças a sua dependência e assujeitamento ao campo simbólico da linguagem, o sujeito jamais é causa de si próprio. Por outro, que ele não pode senão apenas ser representado na relação de um significante com outro. O seu ser, contudo, permanece fora do campo da representação, isto é, fora da possibilidade de ser nomeado pela linguagem. Paradoxalmente, embora o sujeito do inconsciente seja um produto da articulação significativa, ele não pode ser apreendido nas suas malhas. O ingresso do sujeito na linguagem lhe permite existir como algo distinto do puro real orgânico, ao preço, contudo, de uma perda que situa o seu ser num ponto infinito, e que o condena a busca repetitiva de uma representação que possa responder pelo seu ser. “Este ser não está em nenhuma parte alhures senão nos intervalos, nos cortes, é ali onde propriamente falando, ele é o menos significante dos significantes, ou seja, o corte” (Lacan, 2002, p. 434).

O preço do sujeito para *ex-sistir* é aquele a ser pago no duplo *vel* da alienação e da separação. O par

significante S1–S2 traça os contornos de um buraco, do mesmo modo que o oleiro, ao dar à argila a forma de um jarro, desenha os contornos de um vazio. O vazio não é passível de representação. Ele não é especularizável, só existe pelas bordas que as paredes do jarro circunscrevem.

Efeito das palavras, mas em falta daquela que possa em definitivo nomeá-lo, o ser do sujeito do inconsciente *ex-siste* ao campo da linguagem. A relação do sujeito ao significante faz dele um sujeito faltoso, incompleto, condenando-o a permanecer numa incerteza sobre o seu ser. O real da falta-a-ser engendra o ciclo da repetição, em cuja esteira se renova constantemente a demanda de ser por parte do sujeito. O sujeito do inconsciente é o sujeito barrado da linguagem (\$), e que apela por um complemento de ser. Essa demanda a ser está fadada ao fracasso de sua reiteração. Por faltar no campo do Outro o significante que poderia nomeá-lo, o ser do sujeito é inapreensível, inarticulável pela linguagem, determinando-o como referido ao desejo e à falta de objeto que ele arrasta consigo. A falta simbólica de um significante no Outro é causa da castração do sujeito, sendo representada na teoria lacaniana pelo símbolo  $\Phi$ , definido como “significante do ponto onde o significante falta” (Lacan, 2002, p. 230-234), o “[...] ponto preciso de uma presença ausente, de uma ausência presentificada”. A falta que afeta o sujeito é tributária da falta no Outro. Ela circunscreve o vazio no qual se instara a função do *objeto a* como objeto eternamente perdido e cuja função é ser causa do desejo.

O conceito de *objeto a* é uma construção eminentemente lacaniana, e se define como o resto que cai da articulação significativa. Enquanto resíduo da ordem simbólica, ele se situa fora do campo da representação, constituindo-se no núcleo central do inconsciente. É desse resíduo real, desse objeto desde sempre e em definitivo perdido, que o desejo se origina e se mantém.

No *Seminário* livro 4 (1992a), Lacan desenvolve a noção de falta em torno das categorias de privação, frustração e castração como três modalidades pelas quais a falta se apresenta e se elabora para o sujeito, avançando que o real da falta é um efeito do sistema simbólico, se

<sup>2</sup> “Desembocamos así en la concepción de un real que, pelo fato mesmo de la simbolización, está excluido de Ella, que no trasciende lo simbólico em tanto cosa em si, sino que, em el interior mismo de lo simbólico, se indica como excluído de el” (Safouan, 2008, p. 14).

apresentando ao homem como limite imposto ao que as palavras permitem apreender e nomear.

O buraco real que a ordem simbólica instaura constitui-se no núcleo em torno do qual os processos inconscientes se ordenam, determinando, por um lado, a sua mobilidade, por outro, estabelecendo-se como causa originária do desejo. Isso conduz à conclusão lógica de que o real em sua estrutura de “hiância causal” (Lacan, 1988b, p. 49) se encontra no fundamento do processo de repetição. No momento em que o sujeito é introduzido na ordem simbólica, o objeto do desejo se instaura como perdido. O objeto perdido não se confunde com os objetos presentes na realidade mundana. Tampouco se confunde com o objeto metafórico do desejo representado no fantasma. Ele deve ser compreendido como um puro vazio, um oco. Em outros termos, o objeto que seria próprio, específico para o desejo, o objeto absoluto que a ele conviria, falta de modo radical, e é nessas condições que ele pode tão somente causar o desejo, sem, entretanto, jamais satisfazê-lo. “O objeto do desejo não é aquele cujas qualidades específicas satisfaria o desejo por sua presença, ou frustraria por sua ausência, sua função é de ser causa do desejo, suscitá-lo” (Lacan, 1992b, p. 120).

A operação do recalçamento originário é correlativa à primeira identificação simbólica do sujeito. A inscrição do significante primordial não faz senão instaurar o sujeito no registro da economia da falta. A partir de sua inscrição, a plenitude do ser se instaura como uma perda, dando lugar ao registro do real, a ser compreendido como uma dimensão que, embora seja de ordem psíquica, escapa a toda e qualquer possibilidade de representação. O que o sujeito perde por sua subordinação e dependência da linguagem é o ser como objeto absoluto. Essa perda é mítica, de estatuto puramente imaginário; ela não deixa, contudo, de se colocar no horizonte que comandará toda busca posterior efetuada pelo sujeito, de uma busca que está, de fato, fadada ao fracasso de sua repetição, pela impossibilidade que encerra. “O sujeito está privado, pela sua relação ao significante, de algo dele mesmo, de sua própria vida, que adquiriu o valor do que o liga ao significante” (Lacan, 1986, p. 67). Conclui-se então que o sujeito do desejo se origina inteiramente numa experiência de falta engendrada pelo significante, estabelecendo-se como desejo de ser.

Podemos conceber os efeitos produzidos pelo recalçamento originário descrevendo-o como a operação

por meio da qual o sujeito por vir situa-se no Outro num lugar indeterminado, à espera de um tempo logicamente segundo para a sua determinação. O conceito de falta-a-ser remete à noção de infinito e de indeterminação do sujeito no Outro. Na teoria de Lacan, o significante primeiro, no qual o sujeito se aliena, é responsável por introduzi-lo na estrutura da linguagem sob a forma de um buraco, ou seja, numa dimensão infinita no que concerne ao ser. É essa infinitude própria e característica do sujeito do inconsciente que determina a sua mobilidade, ou seja, os seus sucessivos deslocamentos, permitindo-nos compreender a função que o fantasma cumpre na estrutura. Por meio da construção metafórica da instância narcísica do eu no campo das representações fantasmáticas, no anolamento, portanto, dos registros do real, do simbólico e do imaginário, se constrói uma versão do ser, cuja função é precisamente a de deter o deslizamento do sujeito na cadeia significativa, dando-lhe um arrimo e conferindo-lhe uma identidade de estatuto imaginário. O que o sujeito toma como sendo o seu ser não passa de uma obra de construção imaginária de ordem mítica, incumbida exatamente de encobrir a sua falta.

A estrutura do fantasma representa o esforço em produzir o sujeito no lugar onde ele não está, melhor dizendo, onde ele se apresenta como falta. Ela implica na tarefa psíquica de parcializar a falta de sujeito na estrutura da linguagem, delimitando-a por meio de significantes privados advindos pela operação do recalque propriamente dito. O ser do sujeito se constitui numa construção metafórica, edificada sobre o fundamento de uma falta. Daí se deriva a função da estrutura do fantasma: a de acobertar a falta de sujeito no Outro.

Na trama de representações que organizam o fantasma se constrói uma versão mítica com relação ao ser. É com o apoio e o suporte nas identificações imaginárias e simbólicas que o desejo do sujeito se ordena e singulariza, constituindo-se, ao mesmo tempo, numa defesa e numa resposta ao enigma sobre o seu ser. O fantasma tem sempre o aspecto de uma proteção contra o vazio do desejo e a indeterminação do sujeito.

Resta-nos concluir, ainda que de forma breve, a respeito das incidências éticas derivadas do conceito de falta-a-ser na práxis analítica, tanto em relação ao sujeito quanto ao analista.

No percurso de sua análise, o sujeito faz a travessia do seu fantasma. Ao se confrontar com a versão



imaginária construída sobre o seu ser; ele pode soltar as amarras das captações imaginárias nas quais seu desejo se encontra alienado. O desmoronamento de suas identificações imaginárias lhe permite efetuar a elaboração do luto pelo ser como objeto eternamente perdido, o que conduz, por seu turno, a operar o descolamento do objeto causa do desejo das imagens que o encobrem, isto é, a despojar-se das armaduras protetoras colocadas contra a falta-a-ser. Ao ser confrontado com o estofado imaginário sobre o qual ancora o seu ser, o sujeito abre-se para uma nova possibilidade: a de reinventar-se. Isso então quanto uma das vicissitudes do sujeito na experiência de sua própria análise.

Quanto à incidência ética que orienta o ato analítico, ela se ordena em torno do manejo da transferência, considerada por Freud (1914/1980d, p. 208) como a parte do trabalho mais árduo e de maior dificuldade enfrentados pelo analista. Com efeito, a direção do tratamento compete ao analista. Ele só pode efetuar de modo ético esta tarefa a partir de sua própria análise, no decurso da qual ele pôde renunciar às identificações imaginárias como recurso para paliar a sua falta-a-ser. Isso significa que ele próprio confrontou-se com o modo como habitualmente respondia à castração do Outro. Somente assim ele poderá estar em condições de conduzir as análises que toma a seu cargo e responsabilidade sem pôr em jogo o seu ser, podendo emprestar a sua pessoa como suporte dos fenômenos produzidos em decorrência da transferência sem cair no engodo de se identificar com o lugar no qual seu analisando o situa.

## Referências

- Descartes, R. (1987-1988). **Meditações, objeções e respostas**. São Paulo: Nova Cultura.
- Freud, S. (1980a). A psicopatologia da vida cotidiana. In S. Freud. **Obras Completas** (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1901).
- Freud, S. (1980b). A interpretação de sonhos. In S. Freud. **Obras Completas** (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1900).
- Freud, S. (1980c). Artigos sobre a metapsicologia: O inconsciente. In S. Freud. **Obras Completas** (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1915).
- Freud, S. (1980d). Artigos sobre a Técnica: Observações sobre o amor transferencial. In S. Freud. **Obras completas** (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1914).
- Lacan, J. (1975). Encore. In J. Lacan. **Le séminaire - Livre XX**. Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (1985). O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. In J. Lacan. **O Seminário - Livro 2**. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1986). **Hamlet por Lacan**. São Paulo: Liubliú Livraria.
- Lacan, J. (1988). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In J. Lacan. **O Seminário - Livro 11**. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1992a). A relação de objeto e as estruturas freudianas. In J. Lacan. **O Seminário - Livro 4**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA.
- Lacan, J. (1992b). A transferência em sua disparidade subjetiva. In J. Lacan. **O Seminário - Livro 8**. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan. **Escritos** (pp. 496-533). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (2002). O desejo e sua interpretação. In J. Lacan. **O Seminário - Livro 6**. (Texto inédito. Publicação não comercial de circulação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA).
- Safouan, M. (1970). **Estruturalismo e psicanálise**. São Paulo: Cultrix.
- Safouan, M. (2008). **Lacaniana: Los seminários de Jacques Lacan, 1064-1979**. Buenos Aires: Paidós.